

O impacto da morte de Deus anunciado em “A Gaia Ciência” - O homem louco e a transvaloração

Rodolfo Galvão Marins¹

Resumo: Segundo o pensamento nietzschiano a moral metafísica e cristã, surge como manifestação do instinto para assegurar ao homem o sentido da vida e do mundo, sendo forçado a se submeter aos dogmas metafísicos e religiosos que servem como proteção contra o niilismo. Nosso trabalho será de averiguação do impacto ocasionado pelo anúncio da morte de Deus tratado por meio da metáfora do homem louco na obra *A Gaia Ciência*, e suas implicações no que diz respeito à transvaloração dos valores.

Palavras-chave: Morte de Deus. Moral. Metafísica. Transvaloração.

INTRODUÇÃO

Sendo a afirmação da morte de Deus como uma das mais célebres passagens do pensamento nietzschiano, anunciado na obra “*A Gaia Ciência*”, que, embora tenha sua gênese um tanto dramática resulta de um raciocínio argumentativo complexo, constitui o ponto culminante da crítica a moral cristã e metafísica.

A moral religiosa e metafísica, contra a qual Nietzsche aponta suas críticas, passa a existir no homem como manifestação do ímpeto para a segurança do homem contra o niilismo. Sendo assim, para não ser forçado a admitir uma ausência de sentido de vida e do mundo, o homem se submete a dogmas metafísicos e religiosos. Sendo que para o filósofo alemão, a razão esclarecida é abjurada de toda e qualquer forma de vassalagem e de toda e qualquer forma de tutela. Deus é uma forma de manter subordinação. No pensamento nietzschiano não iremos encontrar uma moral que nos diga como devemos agir. Nele iremos encontrar uma ética, como princípio, e que consiste, sobretudo, na afirmação da vida tal como ela é, portanto, não há nada supraterebre.

Ao nos enfrentarmos com a avassaladora crítica ao cristianismo é inelutável nos interrogarmos se não estamos perante um pensamento ateu. No entanto, no discurso nietzschiano não há interesse na averiguação ontológica da existência ou inexistência de Deus, sendo que para ele a crença é uma questão de foro íntimo. Seu objetivo era de responder efetivamente as indagações pelos valores humanos. Para Nietzsche a resposta religiosa era algo que não instigava o pensamento e, por isso, incompatível com sua natureza questionadora.

1 Graduação em Filosofia.

1 MÉTODO GENEALÓGICO NA CRIAÇÃO DOS VALORES

É exigência própria da filosofia nietzschiana acentuar o olhar para o homem, refletir a respeito de suas crenças e daquilo que ele aceita e diz ser verdadeiro, sendo assim, no discurso nietzschiano não há interesse na averiguação ontológica da existência ou inexistência de Deus, sendo que para ele a crença é uma questão de foro íntimo. Por meio do ato genealógico, o alemão prenuncia a “necessidade” de acaroar o homem, com a origem dos valores e as condições pelas quais eles foram arquitetados.

Nietzsche² se utiliza da genealogia em sua reflexão filosófica como meio para pôr às claras o homem, deixa de lado conceitos ideais do que ele vem a ser, para analisá-lo a partir da realidade, do mundo presente.

Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor destes valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno) um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE, 1998, § 6, p. 12).

O procedimento genealógico consiste em dois movimentos inseparáveis. Sendo assim, trata-se em um primeiro momento de relacionar os valores; *Bem e Mal*, com as perspectivas avaliadoras que os engendraram. E, em um segundo momento, trata-se de relacionar essas perspectivas avaliadoras com valores. Portanto, ao passo que o filósofo diz que os valores são “*humanos, demasiados humanos*”, ou seja, surgiram a partir de um momento da história, há um empenho em traçar uma dupla história de Bem e Mal. Sendo assim, conclui-se que há duas avaliações, as dos nobres e ressentidos; moral dos fortes e a moral dos fracos.

Meus pensamentos sobre a origem de nossos preconceitos morais – tal é o tema deste escrito polêmico – tiveram sua expressão primeira, modesta e provisória naquela coletânea de aforismos que leva o título *Humano, Demasiado Humano. Um livro para espíritos livres*, cuja redação foi iniciada em Sorrento, durante um inverno que me permitiu fazer uma parada, como faz um andarilho, e deitar os olhos sobre a terra vasta e perigosa que meu espírito percorrera até então. [...] (NIETZSCHE, 1987, p. 8).

2 Nietzsche como filósofo faz uso da Filologia, da Fisiologia, da Antropologia e da História, em seu trabalho de investigação. O exame genealógico, para o alemão, é, portanto, um procedimento que acontece por meio de um olhar valorativo.

A proposta crítica nietzschiana, estabelecida na necessidade do viver comunitário e consequentemente as criações realizadas pela linguagem, a consciência, como motivo que possibilita a inversão do valor dos valores na formação da moralidade dos costumes, por isso uma crítica dos valores morais, é a isso que ele se propõe.

Se, desde um ponto de vista genealógico, a origem da consciência está ligada à pressão da necessidade de comunicação, então existe em vínculo essencial entre consciência e comunidade (sociedade) – isto é, não fora a necessidade da vida em comum, não haveria consciência (GIACCOIA JUNIOR, 2002, p. 36).

Nietzsche irá trabalhar com uma tipologia, a perspectiva avaliadora dos nobres³ atribuirá a si mesmo os valores de “bom”, conquanto, os ressentidos, iniciam, portanto, a levantar o valor “mal”.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm separação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesmo, já de início a moral escrava dos Não a um “fora”, um “outro”, um “não eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, falando fisiologicamente, requer estímulos exteriores para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação (NIETZSCHE, 1987, § 10, p. 34).

Portanto, cumpre o primeiro procedimento de relacionar os valores com as perspectivas avaliadoras. *Bom e Ruim*, são engendrados pela perspectiva nobre de avaliar, enquanto, Bom e Mau, são valores colocados pela perspectiva do ressentimento.

Há a possibilidade de identificar três conclusões no pensamento nietzschiano: a) O valor “bom” da moral dos nobres, ou, de um movimento de autoafirmação, não é idêntico ao valor de bom da moral do ressentimento, pois este surge de um movimento de negação; b) O valor de “mau” colocado pelos ressentidos designa, apenas o bom da moral dos nobres; c) a perspectiva avaliadora do ressentimento, a moral dos escravos, surge de uma inversão dos valores. Seu ato inaugural não passa de reação. À medida que o ressentido se identifica

3 Em “*Além do bem e do mal*” Nietzsche (2009, § 260, p.190), discorre “há uma moral dos senhores e a moral de escravos [...]”. Sendo assim, a moral dos senhores tem por base avaliativa os sentimentos de superioridade e de coragem. Ela permite que o homem aja de forma a plenificar a potência que a vida tem, criando, assim, a partir de si critérios para avaliar a vida. O nobre crê ser o responsável pelos critérios dos quais surgem os valores. Já a moral dos escravos baseia suas avaliações na igualdade e na fraqueza. O escravo fundamenta suas avaliações a partir do medo. O escravo nega a responsabilidade quanto aos valores, afirmando, assim, os valores, aquilo que é bom e aquilo que é ruim, como eternos e transcendentais.

como mau e o nobre bom, corresponde ao valor bom da outra moral. Sendo assim, a moral dos ressentidos corresponde ao valor já posto pelos nobres, enquanto eles não criam valores, mas os invertem. Isso, portanto, é primeiro passo do procedimento genealógico. Essas duas maneiras radicalmente distintas de avaliar; *nobre e escrava*, tem entre elas uma reação lógica e cronológica.

Não basta, contudo, mostrar que os valores foram engendrados a partir de lógicas diferentes, que foram postas por pontos de vista de apreciação distintos. Não basta relacioná-los com as perspectivas avaliadoras que os engendraram; é preciso ainda investigar de que valor estas partiram para cria-los. Na ótica nietzschiana, a questão do valor apresenta duplo caráter: os valores supõem avaliações, que lhes dão origem e conferem valor; as avaliações, por sua vez, ao cria-los, supõem valores a partir dos quais avaliam (MARTON, 1993, p. 16).

Se os ressentidos se limitam em inverter os valores colocados pelos nobres, então a maneira ressentida de avaliar, é logicamente posterior ao modo nobre de avaliar. E cronologicamente, também, pois se ela surge quando a classe sacerdotal sobrepujou a aristocracia guerreira na antiga Grécia. A casta sacerdotal converteu em preeminência espiritual o que era preeminência política, enquanto o valor aristocrático Bom identificava-se; nobre, belo e feliz, tornando-se valor religioso, bom passa a equivaler a: pobre, miserável, sofredor, piedoso, impotente, necessitado, enfermo. E assim, a porta está aberta a toda crítica a moral e a religião cristã. Seu objetivo era de responder efetivamente as indagações pelos valores humanos. Para Nietzsche a resposta religiosa era algo que não instigava o pensamento e, por isso, incompatível com sua natureza questionadora.

[...] Descobri então que todas elas remetem à mesma *transformação conceitual* – que em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem nascido”, “espiritualmente bem nascido” [...]. O exemplo mais eloquente [...] é o próprio termo alemão *schlecht* (ruim), o qual é idêntico a *schlicht* (simples) – *schlechtweg*, *schlechterdings* (ambos “simplesmente”) – e originalmente designava o homem simples, comum, ainda sem olhar depreciativo, apenas em oposição ao nobre [...] (NIETZSCHE, 1987, § 4, p. 24).

Cumpra-se o primeiro movimento do procedimento genealógico, quando se relacionam esses dois pares de valores: *Bom e Ruim* com a perspectiva avaliadora dos nobres, e, *Bom e Mau* com a perspectiva avaliadora dos ressentidos.

Há, portanto, uma necessidade de relacionar as perspectivas avaliadoras, melhor dizendo, avaliar essas avaliações⁴. Cabem as perguntas para que não se caia em ciclos viciosos: a maneira nobre de avaliar é “melhor” que o modo ressentido de avaliar? Qual o parâmetro de bom avaliado? É, portanto, através do “bom dos nobres” ou do “bom dos ressentidos”? Haja vista, é imprescindível, obrigatoriamente encontrar um valor; critério de avaliação que não seja ela mesma fruto de uma avaliação. Conquanto, para Nietzsche o único critério de avaliação que se impõe por si mesmo, é a vida.

Outrora os filósofos temiam os sentidos – não teremos esquecido demais esse temor? Somos todos sensualistas, nós, homens de hoje e homens do futuro da filosofia, não no plano da teoria, mas naquele da práxis, da prática [...] Os filósofos de outrora, pelo contrário, acreditavam ser atraídos pelos sentidos para fora de seu mundo, o frio reino das “ideias”, numa ilha perigosa e mais meridional, onde temem ver suas virtudes de filósofos derreter como a neve ao sol. Para filosofar era preciso então tapar os ouvidos com cera; um verdadeiro filósofo não entendia a vida porquanto a vida é música, e ele negava a música da vida – é uma velha superstição de filósofo acreditar que toda música é música de sereia. – Hoje seríamos tentados a julgar no sentido contrário (o que poderia ser em si do mesmo modo falso): a acreditar que as ideias tem um poder de sedução mais perigoso que os sentidos, com seu aspecto frio e anêmico e até mesmo não por esse aspecto as ideias sempre viveram do “sangue” dos filósofos, roeram sempre os sentidos dos filósofos e até mesmo, se se quiser acreditar, seu “coração”. [...] Em suma, todo idealismo filosófico foi até agora uma espécie de doença, em toda parte onde não foi, perigosa, o temor de sentidos superpoderosos, a sabedoria de um sábio discípulo de Sócrates. Talvez nós, homens modernos, não somos bastante saudáveis para ter necessidade do idealismo de Platão (NIETZSCHE, 2002, § 372, p. 240-241).

A pergunta por excelência, *a maneira nobre de avaliar contribui para a expansão da vida ou contribui para sua degeneração?* Sendo assim, moral, arte ou filosofia deve passar pelo crivo da vida. Marton ainda assegura:

É a vida, enquanto vontade de potência, que toma como critério de avaliação. Em ambos os registros, porém, o conceito de vontade de potência desempenha papel de extrema relevância: é o elemento constitutivo do mundo e, ao mesmo tempo, parâmetro no procedimento genealógico (MARTON, 1993, p. 64).

4 O empreendimento do filósofo é relacionar essas perspectivas com valores, conforme seu método genealógico. A partir da pergunta: a maneira nobre de avaliar é “mais” boa que a maneira ressentida de avaliar.

Para Nietzsche a instauração do seu método genealógico permite o diagnóstico por meio da pergunta, e só assim chegará à conclusão de que “a moral é, portanto, hostil à vida e um inimigo da natureza: e uma avaliação é uma avaliação a vida” (COPELSTON, 1953, p. 152). A genealogia se torna o meio de combate aos valores de seu tempo⁵.

2 A FILOSOFIA NIETZSCHIANA: ROMPIMENTO COM A TRADIÇÃO PLATÔNICA PARA O SURGIMENTO DE UM NOVO HOMEM

Nietzsche compreende que a verdade, contrariamente de outros tantos filósofos que caminham na “busca da verdade”, é um valor que orienta a conduta humana. Para ele a ideia de verdade não é a função original do intelecto, que tem de primeiramente ter sido utilizado como instrumento de engano. Conquanto, a busca da verdade pode induzir ao erro, como as possíveis atitudes cínicas e hipócritas, que não contribuem efetivamente para o aprimoramento da espécie humana. Posto isso, o método de busca pela verdade e pelo conhecimento, estabelecido por Platão, torna-se para Nietzsche, uma anulação da vontade.

A crítica nietzschiana à filosofia platônica permite discorrer a partir do conhecimento como criação humana não dogmática. Sua crítica consiste, portanto, na busca da verdade com o intuito de não conhecimento, sendo assim, leva ao aprisionamento físico-teórico do homem. E por isso, preconiza outro tipo de conhecimento pertinente aos espíritos livres, de acordo com Nietzsche. Demonstra-se dissimile à filosofia platônica, sendo assim, este conhecimento manifesta-se enquanto criação da vida; expansão da vida – seus próprios valores.

Em seus escritos, Nietzsche, apresenta a vida do homem como um rompimento com a causa dos acontecimentos, sobre o qual, subjetivamente, edifica-se uma urdidura de sentidos pela razão e pela experiência e, ela por ela mesma passa a ser o próprio sentido. Logo, a vida significa por si e em si mesma. O modo de vida totalmente livre pensada por Nietzsche, prorrompe os cânones de religião, comportamento e razão. Isso quer dizer, uma vida livre do convencional a serviço da própria vida, todas as normatizações devem passar pelo crivo da vida. Segundo Copleston a moral convencional é negada pelo filósofo alemão, por até então não haver se pensado “moral”⁶, contudo o vácuo daqueles que não são verdadeiramente morais (Cf. COPELSTON, 1953, p. 157), “Nietzsche retrata-nos os filósofos como inimigos da vida, na medida em que a moral absoluta é também de si própria inimiga da vida, entretendo por todas as formas o desenvolvimento dos homens superiores” (COPELSTON, 1953, p. 157). Uma vida que nega aquilo que quer prendê-la: niilista, para ser mais exato. Portanto, sua proposta é de uma vida livre, ele devolve a vida como vida, como aquilo que vale por si.

5 Por meio do diálogo estabelecido entre o autor da *Genealogia da Moral* e os seus leitores, pode-se afirmar, também, que tal metodologia servirá a todos os tempos, sendo que o filósofo é extemporâneo. Sua análise é feita a partir da visão do homem (moderno) europeu, o qual identifica como frágil.

6 A moral pensada por Nietzsche deve, portanto, visar o desenvolvimento, a expansão da vida humana.

Segundo o pensamento nietzschiano, a moral metafísica e cristã surge como manifestação do instinto para assegurar ao homem o sentido da vida e do mundo, sendo forçado a se submeter aos dogmas metafísicos e religiosos que servem como proteção contra o niilismo. Sendo assim, não encontraremos no pensamento nietzschiano uma moral que nos diga como devemos agir. Nele iremos encontrar uma ética, como princípio, e que consiste antes de mais nada em afirmar a vida tal como ela é, e não nada supraterebre.

Contudo, a vida humana repousa na ignorância (Cf. NIETZSCHE, 1974, p. 53), mesmo após tantos anos de conhecimento. Logo, a vida repousa em uma total ausência de sentido; o *niilismo*. Há aversão radical à filosofia platônica no que diz respeito à dualidade de mundos. Platão pensa a vida humana matematicamente perfeita, e nela não há lugar para o caos, por outro lado, essa é a visão nietzschiana. A ideia primordial de caos permite a existência de um lugar para o acaso e a diferença, na Filosofia. Com tal afirmação, converte-se na compreensão que não existe nenhuma verdade, além da própria vida humana. Ela é quem deve guiar para se alcançar os próprios valores, a própria moral, tomados como tal. Destarte “a falsidade de um juízo ainda não é para nós nenhuma objeção contra esse juízo [...]” (NIETZSCHE, 1974, p. 278) em razão de não haver valor algum, o mundo, rigorosamente pode ser “entulhado” por qualquer valoração, sendo todo juízo falso, de certa forma, faz parte da falsificação exposta pelo filósofo da Basileia. Por meio desse pensamento, todo e qualquer conhecimento a respeito do mundo não passa de uma interpretação, perspectiva criada pelo homem que, levada a fio, não pode ser julgada como certo ou errado. Por fim, a desvalorização deste mundo, o que divide a realidade, preferir um mundo ideal em detrimento a este que se vive.

Supondo, enfim, que desse certo explicar toda a nossa vida de impulsos como a conformação e ramificação de uma forma fundamental da vontade – ou seja, da vontade de potência, como é minha proposição –; suposto que se pudessem reduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de potência e nela também se encontrasse a solução do problema da geração e nutrição – isto é um problema –, com isso se teria adquirido o direito de determinar toda força eficiente univocamente como: vontade de potência. O mundo visto de dentro, o mundo determinado e designado por seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de potência’, e nada, além disso (NIETZSCHE, 1974, p.282).

Por conseguinte, o desdoiro do cânone platônico, encerra um momento o qual tudo era justificado alicerçado na epifania divina, embasado então, na divisão entre transcendente (mundo das ideias) e um mundo imanente (mundo material). Nietzsche acaba com essa dualidade, afirmando que todas as coisas acontecem no aqui e no agora. Uma vida vivida em detrimento de outra que está por vir, não vale a pena ser vivida. Um período que o pensamento ocidental que a “verdade” está atrelada à religião judaico-cristã, às escrituras, a Deus, na qualidade de “causa primeira”, criador de todas as coisas. Historicamente, demonstra, o aniquilamento do pensamento medieval e a inauguração de um novo tempo; o início do pensamento

moderno, onde o homem se coloca no centro de todas as coisas chegando a assumir lugar de Deus, por meio do enaltecimento da ciência e da razão.

3 O ANÚNCIO DA MORTE DE DEUS – O HOMEM LOUCO

O empreendimento nietzschiano tem por objetivo a criação de uma nova cultura, portanto, frui de um projeto cosmológico, por isso, são ideias fundamentais para a sua filosofia, tais como “*vontade de potência*”⁷ e o “*eterno retorno do mesmo*”.

O filósofo entende que a cultura ocidental gerou um ser humano – que é um animal doente – sendo assim, o projeto nietzschiano se empenha então, de tomar “em mãos as rédeas” do destino da humanidade. Contribuindo, assim, para o surgimento de um homem sadio. E isso se faz, evidentemente, por meio de uma filosofia de valores. Consequentemente, há a necessidade em criar novos valores que irão concorrer para uma transformação radical da cultura ocidental. O filósofo irá colocar o seu leitor a se questionar. Levando-o a sentir, pensar e agir de modo diferente, colocando tudo sob suspeita.

Nós homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos *encontrássemos*? [...] continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, *temos* que nos mal-entender, a nós se aplicará para a frase: “cada qual é o mais distante de si mesmo” – para nós mesmos somos “homens do conhecimento” (NIETZSCHE, 1987, p. 7-8).

Estabelecido o método genealógico nietzschiano na compreensão dos fenômenos morais, pode-se perceber a sua completa mudança, não apenas por meio do olhar lançado para o objeto; o homem. Sobretudo, na medida em que o homem, reflexivamente, se faz objeto. A concepção de que a moral é um fenômeno de um julgamento que faz por meio do instinto comum ao homem, bem como ao animal. Segundo ele a moral é “uma consequência destes instintos que ensinam a buscar o sustento e a escapar aos inimigos” (NIETZSCHE, 2004, p. 26).

A problemática da *Morte de Deus*⁸ é exposta por Nietzsche, pela primeira vez, em *A gaia ciência*. Na obra, o filósofo relata, por meio de uma linguagem alegórica a entrada de um louco ou insensato em um mercado popular. Ele, então, anuncia a morte a Deus.

[...] Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã

7 Identificação de *vida e vontade de potência* – Valores axiológicos. Vida – critério para avaliar as avaliações, as apreciações de valores que criaram valores. Qual apreciação de qualquer tipo tem de passar pelo crivo da vida. Trata-se de perguntar se contribui para a expansão ou deterioração da vida.

8 O tema da morte de Deus aparece pela primeira vez em *A gaia ciência*, especificamente em três aforismos; 108, 125 e 343.

acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: Procuo Deus! Procuo Deus! - E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma enorme gargalhada [...] Para onde foi Deus? [...] já lhes direi! Nós o matamos – você e eu. Somos todos assassinos! Mas como fizemos isso? [...] Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? [...] Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? (NIETZSCHE, 2002, Aforismo 125).

Há no insensato um esforço em encontrar Deus. De acordo o aforismo, o louco entra no mercado portando uma lanterna e procurando Deus. “Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar: ‘Procuo Deus! Procuo Deus!’ – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada”(NIETZSCHE, 2002, Aforismo 125). Nietzsche trata com cinismo, a peripécia de se buscar Deus em meio a tantos deuses comuns. Faz-nos lembrar de Diógenes, o cínico, que entrou em Atenas, a procura de um único homem em meio à praça pública cheia de homens. Ao se utilizar a figura de um louco, presumivelmente alude ao salmo que denomina louco ou insensato aquele que diz em seu coração “Deus não existe” (Sl 14, 1; 10, 4). Apesar dessa imagem fazer referência a essa passagem, o louco não anuncia a inexistência de Deus, mas sua morte.

Do ponto de visto lógico, tal expressão coloca Deus na materialidade. Ele sendo Deus está para além da matéria e assume uma categoria dos seres materiais. Posto isso, a locução da morte de Deus não retrata sua inexistência, mas, a afirmação da sua morte; Deus está morto! O “Deus” que servia de pressuposto para qualquer afirmação, portanto, diante do anúncio do insensato, está morto. O grito dado pelo “louco” é uma preocupação religiosa, ou seja, a fé em Deus sofreu um abalo terrível. A orientação divina existia, os homens não estão mais dando alimento a este Deus que os ajuda a orientar esta vida. A morte de Deus diz respeito à insustentabilidade da nossa “visão de mundo”. Não se é proclamado à inexistência. Para o alemão, a crença é uma questão de foro íntimo. Portanto, não se está falando de ateísmo. Facilmente pensamos que se pode ou não acreditar na existência de Deus sem que isso tenha muito efeito sobre as outras crenças que podemos sustentar. Consequentemente, não pensamos que com a morte de Deus tenhamos perdido muito além de um item de crença entre outros. Nietzsche, por outro lado, tenta nos persuadir que com a morte de Deus tudo muda e nada permanecerá o mesmo.

O “grito” dado pelo louco no aforismo 125 revela a preocupação nietzschiana do afastamento do homem a Deus. O homem moderno que coloca na ciência toda sua esperança. Sendo esse o sentimento originário que ascende no pensamento de Nietzsche.

A fé une o indivíduo crente em seu pensamento e realidade. Acreditar em Deus torna, então, possível o mundo humano como um mundo no qual eu vivo e acerca do qual eu posso me comunicar com os outros no interior da minha comunidade religiosa. E é por isso, que o indivíduo é levado a pensar que não se pode pensar em um mundo sem Deus, colocando-se em primeira pessoa. Sem Deus, eu, então, não penso em nada, como se o pensamento tivesse perdido sua relação com um mundo. Sem a comunhão da religião os seres humanos perdem o vínculo essencial entre eles, tornando-se, então, unidades isoladas.

Nietzsche pretendia ir ao extremo do ateísmo moderno, ao criticar as formas religiosas e seculares de crença em Deus. Ao anunciar a *morte de Deus*, ele constata a ruína dos valores morais provindos da tradição cristã, que davam sentido ao *mundo*. Não se trata de um enunciado especulativo sobre a não existência de Deus, mas a crítica de que Deus é a Verdade e de que a Verdade é o valor supremo. Consequência do afastamento da fonte divina da Verdade, o niilismo é a constatação de que os valores supremos se desvalorizaram. Criticar o deus moral implica em abolir a distinção entre mundo verdadeiro e o mundo aparente e em mostrar que a “alma” é uma interpretação falsa, fundada nessa distinção. O Deus cristão, nesse sentido, é uma objeção à existência, à medida que o centro de gravidade é colocado fora da vida.

O niilismo é um termo que ganha sentido relativamente na reflexão axiológica de Nietzsche. Designa a desvalorização dos valores, ou seja, sua perda de autoridade reguladora. É essa desvalorização dos valores postulados como supremos que está expressa na fórmula “Deus está morto” (A Gaia Ciência, 125). Significando que os valores supremos se desvalorizam. Ainda podendo ser empregado por Nietzsche as formas de *niilismo ativo e niilismo passivo*, onde pode compreender por meio de um que é sinal de força. O desmoronamento dos valores acarreta então não a angústia, mas a alegria de ter que criar novas interpretações das coisas e, sobretudo, valores novos; a tonalidade fundamental dessa atitude é, portanto, o reconhecimento do caráter insondável e proteiforme da realidade e da vida, que zomba de nossos esforços para fixá-la numa forma fácil de controlar.

O segundo caso apresenta a profunda sensação de nada. Exprime o declínio da vontade de poder. Na sua forma extrema, traduz um sentimento de angústia: percebemos que o mundo não corresponde aos esquemas mediante os quais o interpretávamos, que o mundo não vale o que pensávamos que valia, donde o desânimo, a paralisia, a sensação generalizada de “para que?” de inutilidade de todos objetos que tínhamos proposto para nós mesmos. Trata-se, pois, de um niilismo do declínio, do esgotamento, de uma forma de imersão no pensamento no pessimismo e no sentimento inibidor da vacuidade de tudo (WOTLING, 2016, p. 50).

O niilismo segundo a interpretação de Nietzsche vem acontecendo desde o princípio do cristianismo. A moral contra a natureza, em “*O crepúsculo dos ídolos*”, irá salvar a religião grega. Segundo ele, a religião grega há enorme dignidade. Os homens e os deuses se equiparam. Os homens não são inferiores aos deuses e vice-versa. Ele acusa a religião que não promove a alegria humana.

O insensato – o homem louco – proclama em praça pública, que foi o homem que matou Deus, “Nós o matamos – você e eu. Somos todos assassinos!” (NIETZSCHE, 2002, Aforismo 125). Destarte, o maior de todos os assassinos somos nós, por havermos matado o que há de mais sagrado na humanidade; somos nós os responsáveis pelo o “teocídio”. Contudo, em meio a tal atrocidade só uma pena, segundo o louco; “tornamo-nos deuses” (NIETZSCHE, 2002, Aforismo 125) com a morte de Deus há um rompimento na história da humanidade e inaugura-se um novo tempo cheio de possibilidades para o horizonte humano, a este homem, assassino de Deus, a partir de agora se coloca no lugar de Deus, passa a ser nomeado por Nietzsche como o *último homem*. O homem moderno que formulou o trabalho e a ciência diligenciando, com isso, rege a vida e ascender sua felicidade.

4 TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Como já fora refletido até aqui, o empreendimento nietzschiano consiste na negação da dualidade platônica; o mundo suprassensível e o mundo sensível; busca pela verdade, temática já discorrida. O valor de verdade trouxe consigo uma vasta reflexão, desde os gregos clássicos que a tinham como meta, como também, o cristianismo que sempre apresentou a verdade como algo bom; as próprias palavras de Jesus aos seus apóstolos “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 19, 6), bem como, presente na filosofia medieval cristã. Tanto no bispo de Hipona, na tentativa de alinhar sua vontade a vontade divina, e assim, encontrar a “Verdade” no íntimo do seu pensamento, como no Aquinate, que reflete a eternidade não como outra coisa, senão Deus, sendo assim, por meio do rompimento com a tradição filosófica platônica, há, portanto, a inauguração da modernidade. Homens do conhecimento, cheios de vontade de verdade e por ela movidos, alcançam pressupostos que maleficia veemente os dogmas postos pelo cristianismo e sua moral. A compreensão nietzschiana de niilismo (Cf. ARALDI, 2004, p. 120, nota 84) define-se como advento da consciência que coloca sob suspeita todos os fins e todos os valores que até então davam sentido à vida, o que faz com que esses valores se tornem obsoletos. E, assim, lançamos a pergunta: que significa transvaloração?

Se, por um lado, desde *Fatum e História* ele já postulava as consequências de um mundo sem Deus (“grandes reviravoltas ocorrerão, quando a massa perceber que o cristianismo se baseia em conjecturas; existência, imortalidade, autoridade da Bíblia, inspiração etc”), por outro, ele perguntava: “Quais serão as molas desse grande mecanismo?”

À vista disso, patenteia-se que, no discurso nietzschiano não há interesse na argumentação ontológica da existência ou inexistência de Deus. Seu objetivo, com efeito, é esquadrihar respostas para as perquirições pelos valores humanas. Segundo o alemão, a resposta religiosa é algo que não fomenta o pensamento, dado isso, é-se antagônico com o homem, que por natureza é questionador. Levando-o a afirmar um ateísmo por instinto⁹.

Não conheço em absoluto o ateísmo como resultado, menos ainda como acontecimento: em mim ele é óbvio por instinto. Sou muito inquiridor, muito duvidoso, muito ativo para me satisfazer com uma resposta grosseira. Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para conosco, pensadores – no fundo até mesmo uma grosseira proibição para nós: não devem pensar (NIETZSCHE, 2019, p. 33).

Nietzsche, conseqüentemente, pensa em aspectos que estão relacionados com à conservação ou expansão da vida humana. Conjectura o homem como um todo e parte integrante do todo. Não há espaço para dualidade na investigação nietzschiana. Examinando o tipo de humanidade que tem a necessidade de criar convicções de verdade que acabam por definir o valor de moral, é pensado a ideia do “vir-a-ser”¹⁰, como possibilidade¹¹ de dizer sim à vida.

Ao homem estão impostas muitas cadeias, para que desaprenda de se portar como um animal [...], essas cadeias, porém, eu repito sempre e sempre de novo, são aqueles graves e significativos erros das representações morais, religiosas e metafísicas. Somente quando a *doença das cadeias* estiver superada, estará alcançada inteiramente o primeiro grande alvo: separar-se o homem dos animais [...]. Somente ao *homem enobrecido pode ser dada a liberdade de espírito*; somente dele se avizinha o *aliviamento da vida* [...]; ele é primeiro que pode dizer que vive em função da *alegria* e de nenhum outro alvo (NIETZSCHE, 2008, p. 128).

Que liberdade é essa que o filósofo propõe? Consiste em avaliar as avaliações. O caro conceito de “transvaloração”, que para muitos estudiosos tem sido um termo de dispendioso tempo, diz respeito à avaliação dos valores vigentes até aqui. Por ser um filósofo que adota

9 Heidegger irá dizer que Nietzsche é um ateu diferente. HEIDEGGER, M. *Nietzsche I*, t.b., p. 249.

10 Segundo Marton, há uma interligação no pensamento nietzschiano com o de Heraclito, pelo modo como os filósofos pensaram ética e cosmologia: “Compreende-se agora por que eleger o pré-socrático como seu precursor: eles teriam o mesmo projeto; procurariam, ambos, desenvolver as reflexões éticas a partir de teses cosmológicas”. Cf. MARTON, Scarlett. *Nietzsche: Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 40).

11 A ideia de possibilidade nos remete para a compreensão do conceito nietzschiano de “*Eterno retorno do mesmo*”. Marton especula como “experimento do experimento”. O *Eterno retorno do mesmo* aparece em *A gaia ciência*, e tipifica que “o experimentalismo é opção filosófica em Nietzsche. Ao colocar um problema em seus múltiplos aspectos, abordar uma questão a partir de vários ângulos, tratar o tema abordado de diversos pontos de vista, o filósofo está a fazer experimentos com o pensar. Não é por acaso, aliás, que privilegia o estilo aforismático”. Cf. MARTON, Scarlett. *O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?* In. *Nietzsche: uma provocação*. Christoph Türche (coordenador). Porto Alegre: Editora da universidade, 1994, p.12.

vários estilos, e por assim dizer, não se encaixa nos padrões acadêmicos de sua época, dado esse fato, cabe aos seus leitores ler as entrelinhas do texto nietzschiano. O acesso ao texto nietzschiano, no entanto, deve ser feito pela indicação que ele próprio dá. Sendo assim, a pontuação que ele se utiliza é chave de leitura para interpretação. Em seus textos, pode haver a impressão de que ele é contraditório, contudo não é o que acontece. Por vezes ele se alia a um adversário para ao mesmo tempo combater outro adversário, e, depois, se volta ao primeiro a quem ele se aliara. Por isso, a importância de saber de quem Nietzsche está falando. Um exemplo é o termo “alma” que algumas vezes aparece em seus textos, mas com acepções diferentes. O termo pode aparecer em concordância com a metafísica e a religião cristã, como algo diferente do corpo, justamente para criticar a metafísica e a religião cristã. Bem como, ao operar uma subversão na linguagem, o termo alma é usado para designar os ínfimos seres microscópicos que constituem o corpo¹². Sendo assim, fortuitamente, logo em seguida de *Para além de bem e mal*, o filósofo irá fazer uma *Genealogia da Moral*¹³, na busca de realizar uma apreciação aos valores morais. Por meio do método genealógico será possível conhecer as condições e circunstâncias do nascimento de tais valores, sobretudo, o “valor dos valores”, é o que consiste a transvaloração (Cf. MARTON, 1999, p. 28).

Vê-se, portanto, que o termo “transvaloração” Nietzsche nomeia tanto aquela operação judaico-cristã, realizada no âmbito dos valores antigos, quanto esta outra que ele visa realizar com o pensamento do eterno retorno em todos os valores judaico-cristãos. Se por meio da compreensão do conceito nós decompomos a expressão *Umwertung aller Werthe* (trans/valoração/ de todos/ valores), então vemos que nela está contida a seguinte concepção: inverter-mudar-ir além/ da avaliação determinante/ de todos/ os valores 9vigentes até agora. [...] Nietzsche visa transvalorar, é aquela oriunda das perspectivas vitais decantes, as quais teriam ascendido ao âmbito de determinação dos valores com a ascensão do cristianismo (RUBIRA, 2008, p. 140).

Em *Assim falava Zarathustra*, por meio do personagem, Nietzsche anuncia a “transvaloração”: “Quebrai-me, quebrai-me as tábuas dos sempre descontentes! Quebrai, quebrai as tábuas já velhas dos devotos e aniquilai as máximas dos caluniadores do mundo” (NIETZSCHE, 2019, p. 158.). Por meio da transvaloração, é possível compreender que nela não há caráter teleológico, pois o dinamismo é próprio do mundo, a vida humana tem sua necessidade de expansão. Zarathustra não é um criador de religião, mas o que ele quer é que homens criem valores que lhes deem liberdade. Se sua crítica moral metafísica cristã consiste

12 Cf. NIETZSCHE, F. *Para além de bem e mal*.

13 “Por trás dos mais altos juízos de valor, pelos quais até agora a história do pensamento foi guiada, estão escondidos mal-entendidos sobre índole corporal, seja de indivíduos, seja de classes, ou de raças inteiras. Todos aqueles ousados disparates da metafísica, em particular suas respostas à pergunta pelo *valor* da existência, podem-se considera-los sempre, em primeiro lugar, como sintomas de determinados corpos”. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral* – um escrito polêmico. Trad. Paulo Cesar Souza. Ed. Brasiliense. São Paulo; 1987. Prefácio §2, p. 6.

ao “lugar” de onde são criados esses valores, por isso, a negação do “mundo suprassensível”, conseqüentemente, a criação de novos valores devem ser orientados pela própria vida.

Amo todos os que são como gotas pesadas que caem uma a uma da nuvem escura suspensa sobre os homens, anunciam o relâmpago próximo e desaparecem como anunciadores. Vede: eu sou um anúncio do raio e uma pesada gota procedente da nuvem; mas este raio chama-se o Super-homem (NIETZSCHE, 2019, p. 28).

Destarte, Zaratrusta além de anunciar o “super-homem”, também prepara o terreno por meio da definição de *vontade de potência*, que é independente de princípios éticos, portanto, amoral e vital, é uma pulsão que faz com que o homem enfrente todas as vicissitudes. Nietzsche devolve o homem à natureza. Que quer dizer que todo tipo de idealização é uma falsificação.

CONCLUSÃO

Neste trabalho tentamos discorrer a importante temática da morte de Deus anunciada em “A Gaia Ciência” – o homem louco e a transvaloração, enquanto impacto na sua recepção.

O anúncio da morte de Deus representa a mais alta crítica à metafísica e moral religiosa e aponta os causadores do “teocídio”: “nós o matamos – você e eu”. A construção desse pensamento atenta para o objetivo do pensamento nietzschiano na busca da razão esclarecida abordando a metáfora do homem louco. As figuras de linguagem são mecanismos literários utilizados pelo filósofo no intuito de gerar um efeito determinado em seu leitor. Não podemos deixar de lado o estudo da auto-supressão da moral para compreender a razão de colocar os próprios homens como culpados da morte de Deus, sendo assim, a auto supressão da moral está como fomentadora da queda divina.

A ação criativa para Nietzsche, deve situar-se para além do bem e do mal, para além da moral, ou seja, não deve ser julgada por padrões convencionais de moral, mas pela grandeza de seu desempenho de querer sempre se superar. O ensinamento da autonomia criativa, no pensamento de Nietzsche, revela-nos uma noção estética da ação e da liberdade, em que os atos não são avaliados por suas ambições ou conseqüências morais, mas em função do seu esforço para se elevar, esse é o caminho do criador (JULIÃO, 2000, p. 28).

Estabelece o método genealógico, como forma de analisar as avaliações dos valores. E, aponta o “valor de vida” como o mais importante. Todos os valores deveriam passar pelo crivo da vida. Esse é “lugar” de onde deveriam partir as avaliações. Não de um lugar “suprassensível”, mas a partir deste mundo e desta vida. Sendo assim, na compreensão do filósofo, a

moralidade não passa de uma relação que orienta a vida humana. Há no seu pensamento, por meio dos conceitos analisados, a tentativa de devolver a vida natural ao homem.

Pensar o *eterno retorno do mesmo* é o modo como o filósofo da Basileia, dispôs para encontrar uma nova medida; avaliar as avaliações, para assim, realizar a transvaloração. Marton orienta que por meio do prognóstico cosmológico do eterno curso circular sucede pensar uma eternidade no tempo, haja vista a ideia de eternidade atemporal. Segue-se, portanto o rompimento com a filosofia platônica, a metafísica e os dogmas impostos pela religião cristã.

Regressarei como este sol, como esta terra, como esta águia, como esta serpente, não para uma vida nova ou para uma vida melhor ou análoga. Tornarei eternamente para esta mesma vida, igual em ponto grande e também em pequeno, para ensinar outra vez o eterno regresso das coisas, para repetir mais uma vez as palavras do grande meio-dia, da terra e dos homens, a fim de instruir novamente os homens sobre o super-homem (NIETZSCHE, 2019, p. 172).

Por fim, a exigência do trabalho nietzschiano permite-nos pensar na coerência da sua reflexão a respeito da “transvaloração dos valores”, a partir da adoção do método genealógico. Nietzsche assume a missão que a transvaloração lhe ordenou. Isso evidencia-se desde o início em sua filosofia, assinalada pela afirmação.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. São Paulo: Paulinas, 1985.

ARALDI, Claudemir Luiz. *Nihilismo, construção, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial: Ijuí: Ed. Ijuí, 2004.

COPLESTON, Frederick, S.J. *Nietzsche; filósofo da cultura*. Portugal: Livraria Tavares Martins, 1953.

GIACOLA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2002.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche I*, 2 vol. Berlin: Gunter Neske Verlag, 1961. *Nietzsche*. 2 vol. Trad. Pierre Klossowski. Paris: Gallimard, 1975. *Nietzsche*. 2 vol. Trad. Juan Luis Vermal. Barcelona: Ediciones Destino, S. A., 2000.

JULIÃO, José Nicolao. *O Ensino da Superação em “Also sprach Zarathustra*. São Paulo: Unicamp, 2000.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche – Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. Coleção logos. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. *O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?* In. *Nietzsche: uma provocação*. Christoph Türche (coordenador). Porto Alegre: Editora da universidade, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2019.

_____. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Ecce Homo*. São Paulo; Ed. Nova Fronteira, 2019.

_____. *Genealogia da moral* – um escrito polêmico. Trad. Paulo Cesar Souza. Ed. Brasiliense. São Paulo; 1987.

_____. *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

_____. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filhos. Coleção Os Pensadores. 1º Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

RUBIRA, Luís Eduardo Xavier. *Nietzsche: do eterno retorno mesmo à transvaloração de todos os valores*. 2008. 239p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 2008.

WOTLING, Patrick. In. *Dicionário Nietzsche* (editora responsável Scarlett Marton). São Paulo: Edições Loyola, 2016.